

# VICO

## O TEMPO E A HISTÓRIA

André Luiz Joasilho<sup>1</sup>

**U**ma vida obscura é o título do primeiro capítulo do livro de Robert Caponigri sobre a vida de Giambattista Vico.<sup>2</sup> Este pensador nunca pôde obter o sucesso que tanto buscou na sua carreira acadêmica, trabalhando sempre num posto secundário na Universidade de Nápoles e, também, não pôde prever o sucesso que alcançaria, posteriormente, a sua principal obra, *A Ciência Nova*. Ela entusiasmou Michelet, Croce, Dilthey e, até mesmo, James Joyce, que lhe fez referência em *Finnegans Wake*. Foi lida e elogiada por Marx, tendo vários admiradores entre historiadores e pensadores, e ainda é estudada nos círculos historiográficos. Suas proposições acerca da história, do tempo, da poesia, encontraram ressonância em muitos trabalhos dos séculos seguintes. No entanto, a despeito do quase desconhecimento por parte de intelectuais de sua época por seu trabalho, Vico continuou tentando — até a sua morte, em janeiro de 1744 —, fazer-se conhecido.

Nascido em 23 de junho de 1668, era filho de um modesto livreiro de Nápoles, o que lhe proporcionou, desde cedo, o contato com os livros e com as leituras. Talvez, cioso dos estudos de Vico, seu pai o fez aprender as letras e estudos clássicos com vários preceptores jesuítas. No entanto, ele sempre fugia para ler, durante várias horas, sozinho, os livros que seriam objetos de comércio do seu pai. De compleição física fraca, somente de vez em quando brincava com outros meninos, tendo machucado a sua perna numa dessas vezes, o que lhe rendeu um pouco de dificuldade para caminhar. Esses estudos foram suficientes para que ele se tornasse tutor, em 1686, dos filhos de Domenico Rocca, um nobre de uma cidade — Vatolla — um pouco distante de Nápoles, e pôde empreender um estudo mais sistemático dos filósofos antigos e contemporâneos. Junto à propriedade, Vico tinha uma

<sup>1</sup> Doutor em História pela UNESP. Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina. Entre outros, é autor do livro *O nascimento de uma nação: a elite intelectual brasileira e o ressurgimento do nacionalismo (1900/1920)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2004. Organizou a obra coletiva *Leituras em História*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2003.

<sup>2</sup> CAPONIGRI, A.R. *Time and Idea, The Theory of History in Giambattista Vico*. Chicago: Henry Regnery Company, 1953.

boa biblioteca à sua disposição e terminou seus estudos de direito na Universidade de Nápoles, em 1694, como Doutor em Lei Canônica e Civil.

Em 1695, de retorno à Nápoles, frequentou círculos epicuristas e cartesianos, que lhe permitiram contato com as mais recentes produções filosóficas européias, correntes renegadas posteriormente por ele, pois não ficava bem, face à Igreja dominante na Universidade, ser adepto de tais idéias em voga naquele momento, principalmente nos últimos anos do século XVII, quando a Inquisição ganhou força ao condenar dois de seus amigos pela suas pregações anti-Igreja. Porém, Vico nunca deixou de ser influenciado por essas vertentes de pensamento, sendo sempre visível certo sensualismo epicurista na sua compreensão da linguagem e da metáfora, e certo materialismo racionalista na compreensão de como se processa a história.

Aliás, várias vezes, Vico ignorou trabalhos escritos que poderiam comprometê-lo com os poderosos. Relata-nos Isaiah Berlin que um complô, a favor da Áustria, engendrado por adversários do domínio espanhol sobre Nápoles, foi descoberto.<sup>3</sup> “Em 1702, Vico publicou um relato da conspiração, denunciando seus participantes como criminosos e traidores”.<sup>4</sup> Em 1707, os austríacos tomam o reino das duas Sicílias e Nápoles dos espanhóis. No ano de 1708, “ele publicou um volume comemorativo, que não fazia qualquer referência ao trabalho anterior e elogiava os dois chefes conspiradores como mártires e patriotas. Em 1734, Nápoles foi recuperada pela Espanha. O novo governante, Charles de Bourbon, foi devida e humildemente congratulado por Vico, à cabeça de uma delegação enviada pela Universidade de Nápoles”.<sup>5</sup> Constância em relação aos poderosos destronados não era uma das virtudes do nosso autor.

De qualquer forma, Nápoles, em finais do século XVII, vivia um momento de grande efervescência científica e cultural, período chamado de *Risorgimento*, apesar dos olhares vigilantes dos vice-reis espanhóis e da Inquisição. Vico não deixou de se entusiasmar pelas idéias correntes naquele momento, e chegou até mesmo a escrever poesias em conformidade com a moda filosófica: ‘Canzone in morte di Antonio’ e ‘Affetti di un disperato’. Essas obras foram devidamente esquecidas por ele, devido ao caráter pouco afeito aos padrões universitários e eclesiásticos vigentes, e proximidade com os círculos de jovens pouco quistos pelos criadores de padrões.

Em 1699 Vico assumiu a cadeira de Retórica na Universidade de Nápoles, após concurso. Para um jovem, um posto promissor, mas não satisfatório, pois era secundário

<sup>3</sup> BERLIN, I. *Vico e Herder*. Brasília: Editora da UnB, 1982.

<sup>4</sup> Idem, *ibid.* p. 23.

<sup>5</sup> Idem, *ibid.* loc. cit.

em relação a outros postos docentes, e os ganhos relativos à atividade deixavam sempre a desejar. De qualquer forma, Vico pôde dedicar-se ao estudo do direito que, naquele momento, ultrapassava o simples campo jurídico, enveredando pela filosofia. Ele sempre almejou uma colocação melhor no quadro da universidade e seus estudos eram parte desse esforço.

Suas primeiras obras filosóficas resultaram de discursos solenes feitos para marcar o ano escolar. Ele foi escolhido seis vezes para fazê-los, entre 1699 e 1708, o que resultou nas obras *Orazioni Inaugurali*, na qual disserta sobre vários autores de sua época, e *De nostri temporis studiorum ratione*, na qual desenvolveu um estudo sobre Bacon, um de seus autores preferidos, ao lado de Grotius, Platão e Tácito, dos quais se declarou tributário, conforme sua própria autobiografia. Com relação a essa obra, *Vita di Giambattista Vico scritta da se medesimo*, de 1724, há uma nota interessante. Gênero extremamente raro na época, ela foi fruto da tentativa do conde Gianartico de Porcia em possuir um compêndio dos principais pensadores italianos de sua época. Assim, por meio de um amigo comum, foi pedido a Vico que escrevesse uma obra sobre si, para que fizesse parte do compêndio pretendido. Dessa forma, ele nos legou a sua formação intelectual, pelo menos aquela que queria legar à posteridade. Nesses primeiros textos, vão se delineando os temas e os autores que terão lugar na sua obra definitiva, *A Ciência Nova*. Título pretensioso, que indicava o desejo de Vico em formular uma nova forma de se pensar cientificamente, isto é, ele tinha para si uma idéia de que estava fundamentando a ciência de sua época em novas bases de compreensão.

Ao mesmo tempo em que ingressava na Universidade, em 1699, Vico se casava e teria diante de si todos os problemas e preocupações que um simples pai de família poderia ter. Teve oito filhos e uma imensa dificuldade em manter em dia o orçamento doméstico, devido aos baixos salários. O seu filho mais velho lhe deu muitos transtornos, pois vivia envolvido em brigas e confusões com a polícia da cidade. Face a essas dificuldades, ele se dedicou cada vez mais aos estudos e leituras e, ao final de sua vida, teve certa recompensa, ao fazer seu filho mais jovem sucessor de sua cadeira de Retórica na Universidade. Porém, muito antes disso, em 1723, a cadeira de Lei Civil ficou vacante e foi aberto concurso para preenchê-la. Vico viu uma grande oportunidade para galgar postos superiores. Já maduro, este seria o momento de consagrar a sua carreira e obter rendimentos suficientes para levar uma vida mais tranqüila. Preparou-se intensamente para as provas. No entanto, fatores políticos interferiram na seleção. O próprio vice-rei deslocou a balança para outro candidato, o que marcou Vico profundamente. Nessa atitude, ficara evidente que os seus préstimos à Universidade, por 25 anos, de nada lhe

valeram. Desiludido, ele se dedicou à sua obra maior. Publicou-a em 1725, e seria conhecida como *Scienza Nuova Prima*. Após revisões e novas elaborações, uma nova edição surgiu em 1730 como *Scienza Nuova Seconda*. Mais algumas revisões e, em 1744, a terceira edição foi publicada, logo após a sua morte, em janeiro deste mesmo ano. Geralmente, os especialistas lêem essa terceira versão, que é muito próxima da segunda. Assim, o que Vico buscou durante sua vida só foi alcançado posteriormente, com a longa carreira que o seu pensamento teve e tem através dessa obra.

Em sua vida obscura Vico não alcançou o reconhecimento almejado, e não galgou os postos superiores na Universidade. No entanto, produziu uma obra sem paralelo na sua época, objeto de inspiração a muitos trabalhos posteriores.

### PROGRESSO E CIÊNCIA

Talvez devêssemos remeter a genealogia da História Cultural não a Michelet, como tradicionalmente fazem as obras apologéticas, ou não, desta corrente historiográfica, mas a Vico, que influenciou o próprio Michelet.<sup>6</sup> Mas, essa remissão não deve ser feita porque Vico concebeu esse método de pesquisa histórica. O que é relevante de fato é que ele trouxe ao campo da filosofia no século XVIII a noção de que os homens estão mergulhados no tempo, e suas habilidades dependem do contexto social em que vivem. Instituições, linguagens, engenhos, são frutos de cada época, conforme as capacidades de cada sociedade.

Mas, enfim, o que ainda desperta o interesse por seu pensamento? Partilhando da conclusão de Elias Tomé Saliba “a posteridade de Vico acabaria exemplificando, por fim, o próprio relativismo histórico que a sua obra perseguiu de forma tão extravagante: toda vez que um autor é muito obscuro e muito original, seus intérpretes tendem a utilizá-lo como veículo para suas próprias idéias, transformando-o em outra espécie de evangelho, cheio de portas nas quais quem quer que bata será atendido buscando o que procura.”<sup>7</sup> Assim, há certo esoterismo acadêmico em torno de Vico. Busca-se nele o primeiro profeta da história dos séculos XIX e XX. Como se ele tivesse anunciado os padrões historiográficos explicativos e sociais desses séculos posteriores. Vê-se nele alguém que possuía um conhecimento além do comum para o seu tempo, e que só poderia ser encontrado na obscuridade da sua própria vida. A descoberta de gênios incompreendidos alimenta bastante o imaginário acadêmico. Porém, antes de tratá-lo como profeta rejeitado, deve-se ter em

<sup>6</sup> BURKE, P. *Vico*. São Paulo: Editora UNESP, 1997. p. 101.

<sup>7</sup> SALIBA, E.T. “Vico: Clássico das Antinomias Interpretativas”. In: LOPES, M.A. *Grandes nomes da História Intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 289.

conta o contexto social e as condições para a produção dos seus trabalhos. Ele compartilhava as preocupações filosóficas de sua época e estava plenamente imbuído da intenção de resolver os problemas que se apresentavam. Vico empreendeu uma discussão sobre a ciência com o fito de contrapor métodos e valorizar determinados campos científicos que, do seu ponto de vista, estavam sendo embotados pela voga do cartesianismo.

E é bom lembrar que havia uma discussão já exaustiva entre filósofos acerca da superioridade dos modernos sobre os antigos – a conhecida “querela dos antigos e modernos”, como ficou conhecido o debate. Hoje, pode-se considerar um pouco exagerada a preocupação com esse debate que animou salões e academias na Europa moderna, principalmente na França e na Inglaterra, e que aconteceu a partir de meados do século XVII. Contudo, a querela foi de importância fundamental para discussões posteriores acerca da noção de progresso e conseqüentemente de história.<sup>8</sup> Ela opôs pensadores de certo peso na época como Racine, La Fontaine, Boileau, do lado dos antigos, e Fontenelle, Perrault, Bayle e d’Aubignac, do lado dos modernos, para ficarmos apenas nos franceses. A questão principal era: os antigos eram superiores em sabedoria em relação aos modernos ou não? Até o século XVII, não havia uma clara percepção sobre a distância entre os filósofos da antiguidade e os contemporâneos e a noção de que eles eram superiores ainda estava muito presente. Foi a partir do *Novum Organum*, de Francis Bacon, que a geração seguinte pôde pensar que “os antigos representavam a juventude do mundo, enquanto o seu próprio tempo era glorificado pelo conhecimento acumulado pelas épocas”.<sup>9</sup>

A crença de que o caráter humano era imutável se esvaía. Fontenelle, por exemplo, ao assumir a posição dos modernos “replica que arte e cultivo de enxertos têm muito mais influência sobre o cérebro humano que o solo; idéias podem ser transportadas mais facilmente de um país a outro que plantas; e como conseqüência do comércio e influência mútua, povos não ficam nas suas peculiaridades mentais originais devido ao clima”,<sup>10</sup> e para completar, “uma mente educada é, como sempre foi, composta por todas as mentes das idades precedentes; podemos dizer que uma simples mente foi educada durante toda história”.<sup>11</sup> Assim, o

<sup>8</sup> NISBET, R. *História da Idéia de Progresso*. Brasília: UnB, 1985. p. 161).

<sup>9</sup> POLLARD, S. *The Idea of Progress*. London: Penguin Books, 1971. p. 22. “...the ‘Ancients’ represented the youth of the world, while it was their own time which gloried in the accumulated wisdom of the ages.” Tradução do autor.

<sup>10</sup> BURY, J.B. *The Idea of Progress*. <http://www.Gutenberg.us>: Projeto Gutenberg Consortia, 15/11/2004. p. 57. “Fontenelle replies that art and cultivation exert a much greater influence on human brains than on the soil; ideas can be transported more easily from one country to another than plants; and as a consequence of commerce and mutual influence, peoples do not retain the original mental peculiarities due to climate.” Tradução do autor.

<sup>11</sup> Idem, *ibid.* p. 58. “An educated mind is, as it were, composed of all the minds of preceding ages; we might say that a single mind was being educated throughout all history.” Tradução do autor.

conhecimento torna-se cumulativo e, portanto, o próprio homem muda conforme o tempo que passa, podendo melhorar-se e ser superior aos seus antepassados. As inovações técnicas e os avanços científicos davam provas suficientes e necessárias para ser dito que os modernos eram superiores aos antigos, e difundia-se a idéia de que os gregos e os latinos viviam a infância da humanidade, afirmando-se definitivamente a percepção de que o tempo traz consigo as mudanças na paisagem humana.<sup>12</sup>

Esse debate tinha um elemento material precioso e visível demais para os contemporâneos, o relógio. Novos padrões de medição temporal estavam se estabelecendo. A agulha dos minutos se generalizou, tornando mais precisa a contagem do tempo.<sup>13</sup> Ele exerceu influência nas navegações e nas cadências da produção nas manufaturas, como também nas horas de trabalho.<sup>14</sup> Uma nova disciplina do corpo e do trabalho foi imposta, tendo sido tomada de empréstimo da disciplina monástica. Já era visível uma sensação de que o tempo acumulava-se. As pregações morais, a necessidade de contabilizar moralmente os ganhos individuais em direção a uma superação dos vícios e da preguiça corriam pelas cidades européias.<sup>15</sup> Pode-se dizer que o século XVIII foi o século do relógio. O tempo passa, mas pode ser qualitativo, isto é, é possível acumular o que passou.

Esses avanços na percepção de como o conhecimento é transmitido e na contagem do tempo marcavam a idéia ainda difusa de certo progresso da humanidade na virada do século XVII para o XVIII. Vico também compreendeu que os antigos não eram superiores aos modernos.<sup>16</sup> Porém, tanto quanto outros pensadores de sua época, ainda não tinha desenvolvido plenamente uma idéia de temporalidade que fluía ininterruptamente, e sim “como uma multiplicidade de recorrências e de alternâncias cíclicas, em conseqüência de elementos determinados e fixos da condição humana: o bem e o mal”.<sup>17</sup> Mas, como veremos, ele antecipou vários temas e inovou em determinados pontos na concepção do tempo.

A querela entre os antigos e os modernos Vico praticamente ignorou, mas, poderíamos colocá-lo ao lado dos modernos como vimos: “ele não anuncia ou concebe uma teoria do progresso, mas sua especulação, bastante desconcertante e confusa na sua exposição, continha princípios que pareceram predestinados a formar a base de tal

<sup>12</sup> POLLARD, S. Op. cit. p. 21.

<sup>13</sup> LEDUC, J. *Les Historiens et le temps*. Paris: Éditions du Seuil, 1999. p. 164.

<sup>14</sup> THOMPSON, E. P. *Costumes em comum, estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 297.

<sup>15</sup> Idem, *ibid.* p. 288.

<sup>16</sup> VICO, G. *A Ciência Nova*. Trad. Marco Luchesi. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 211.

<sup>17</sup> NISBET, R. Op. cit. p. 115.

<sup>18</sup> BURY, J.B. Op. cit. p. 138. “He did not announce or conceive any theory of Progress, but his speculation, bewildering enough and confused in its exposition, contained principles which seemed predestined to form the basis of such a doctrine.” Tradução do autor.

doutrina”.<sup>18</sup> O atual não é melhor porque suplanta o que os antigos fizeram, mas é melhor por ser mais racional. A querela é importante para que se fixe, pelo menos no campo da filosofia, uma idéia de sucessão, de tempo que passa. Percepção nova e que demorou quase um século para ser plenamente aceita entre filósofos e pensadores. Vico deu uma forma quase acabada a essa idéia, vindo a se tornar o *chef-d’oeuvre* de seu pensamento. Então, o encontro dessas linhas heterogêneas permitiu mudanças nas percepções sobre o ser e sobre a sociedade. Vico não estava alheio a esses processos. Sentia-os e com eles refletiu sobre a própria história.

Mas, antes de encerrar esta seção, cabe ainda discutir a inserção da filosofia de Vico num outro campo, aquele que Michel Foucault chamou de “mathêsis”,<sup>19</sup> isto é, a busca por um conhecimento total e sem interrupções, ou seja, a noção de que, do campo da matemática, o conhecimento passasse para o da filosofia, medicina, astronomia e assim por diante, sem descontinuidade, sem quedas. A idéia é a de uma superfície a ser percorrida, sendo que as paisagens que se modificam ao redor nada seriam além do cenário familiar inicial. Na era clássica, diferentemente do período renascentista em que o mundo era entendido como um livro a ser lido, o conhecimento deveria ser inteiro e a chave de uma porta abriria automaticamente as outras: “os homens dos séculos XVII e XVIII não pensam a riqueza, a natureza ou as línguas com o que lhes fora deixado pelas idades precedentes e na linha do que logo viria a ser descoberto; pensam-nas a partir de uma disposição geral que não lhes prescreve apenas conceitos e métodos, mas que, mais fundamentalmente, define um certo modo de ser para a linguagem, os indivíduos da natureza, os objetos da necessidade e do desejo; esse modo de ser é o da representação. Conseqüentemente, aparece todo um solo comum, onde a história das ciências figura como um efeito de superfície”.<sup>20</sup>

Vico perseguia essa mathêsis ao eleger a linguagem como o centro da atividade humana, e é pelas nomeações que a natureza se faz, cruzando as palavras e as coisas.<sup>21</sup> É pela linguagem que os homens podem compreender o mundo e dar-se a entender reciprocamente e, com efeito, “a idade clássica confere à história um sentido totalmente diferente: o de pousar pela primeira vez um olhar minucioso sobre as coisas e de transcrever, em seguida, o que ele recolhe em palavras lisas, neutralizadas e fiéis”.<sup>22</sup> Assim, as palavras formam uma rede de continuidade que compõe, enfim, a mathêsis.

O nosso autor tinha como centro das suas preocupações a palavra, e é através dela

<sup>19</sup> FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

<sup>20</sup> Idem, *ibid.* p. 223.

<sup>21</sup> Idem, *ibid.* p. 175.

<sup>22</sup> Idem, *ibid.* p. 145.

que se poderá compreender a história, questão à qual retornaremos. Descobrir as primeiras nomeações e seus verdadeiros significados era, para ele, obra para a filologia, sendo um dos primeiros a utilizá-la como meio para entender as primeiras civilizações. Dessa forma, antes de conceber a filosofia de Vico como precursora do que viriam a ser as Ciências Humanas no século XIX, devemos situá-lo no seu tempo, como participante solidário de sua época. Essa precaução serve justamente para não se cair na armadilha traçada pela filosofia da história do século XIX, a de encontrar continuidades num progresso que estaria traçado desde sempre. Essa filosofia viu em Vico, e em muitos outros, a possibilidade de legitimar-se, estabelecendo para si uma temporalidade de acordo com a sua própria imagem. Desse modo, o seu discurso é feito a partir de um jogo de remissões. A afirmação contemporânea é possível porque tem seu próprio duplo num outro momento. Assim é feita em grande parte as histórias das ciências que se pretendem enormes teias direcionadas sempre ao acerto e, portanto, verdadeiras.

As Ciências Humanas e seus construtos, por exemplo, se confirmariam pela reduplicação de sua imagem no passado. De certa forma, a obra de Vico serviu muito bem como duplo desses discursos do século XIX, funcionando como espelho de uma imagem que não se cansa de olhar para si como corolário de todo o pensamento humano. O século XVII prepara o XVIII e este o XIX e, ainda o XX como se fosse possível estabelecer esta escala sem cortes, rupturas, quedas ou derivas. Dessa forma, o discurso científico e, mais especificamente, o das Ciências Humanas, cria para si uma história contínua e “fazer da análise histórica o discurso do contínuo e fazer da consciência humana o sujeito originário de todo o devir e de toda prática são duas faces do mesmo sistema de pensamento. O tempo é aí concebido em termos de totalização, onde as revoluções jamais passam de tomadas de consciência”.<sup>23</sup>

O pensamento de Vico coube bem neste sistema de totalizações, pois ao formular determinadas concepções de tempo, correu o risco de se encontrar dentro deste tipo de sistema. No entanto, se compreendermos o pensamento viquiano no seu próprio momento, poderemos ter uma melhor dimensão de que foi inédito e, até mesmo, provocador para a sua época, deixando de lado o esoterismo acadêmico e o discurso identitário e legitimador da ciência. A sua pretensão de criar uma nova ciência não se concretizou, porém, ele pôde ser inovador ao propor outras formas de compreender o ser humano e sua história.

---

<sup>23</sup> Idem. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986. p. 14.

## NOVO CONHECIMENTO: VERUM/CERTUM

De início, devemos partir de uma questão básica: qual a pretensão de Vico ao escrever *A Ciência Nova*? Como ele próprio afirma na sua autobiografia, o seu desejo era estabelecer a ciência em novas bases, questioná-la em toda a sua extensão e no modo como era praticada.<sup>24</sup> Contestando Descartes, Vico propôs que a única verdade que podemos obter é aquela produzida pelo próprio homem; a linguagem e a história são dois campos nos quais podemos chegar à essa verdade, contrariando a dúvida cartesiana sobre a realidade. A partir do que os homens fizeram, pode-se compreender a Providência ou, para usar a afirmação de Vico, ter consciência dela e, assim, ter a consciência da existência.

O cartesianismo era dominante nos círculos intelectuais e era visto como o grande apanágio para a compreensão do ser e do universo. Apesar de partilhar, como vimos, quando jovem, dessas noções, ele, aos poucos, delas se afasta, em primeiro lugar, por achá-las nada adequadas ao catolicismo, do qual era praticante, pelo menos era o que afirmava. Em segundo lugar, por não acreditar que um único campo do conhecimento fosse exclusivo para compreender o ser, a matemática. Descartes suspeitava dos sentidos, pois eram falhos e normalmente levavam ao erro. Daí a sua enorme desconfiança em todo conhecimento que tinha por base os sentidos. Não aceitava como evidência aquilo que não tivesse uma base sólida, irrefutável, e “sua origem foi simplesmente a justificadíssima perda de confiança na capacidade reveladora da verdade dos sentidos. A realidade não era mais desvelada como um fenômeno exterior à sensação humana, mas se retirara, por assim dizer, para o sentir da sensação mesma”.<sup>25</sup> A descoberta de que a terra gira em torno do sol foi um dos fatores que desencadeou essa desconfiança em relação aos sentidos.<sup>26</sup> Eles não podem ler o mundo, pois a sensação que podemos sentir não é, muitas vezes, corroboradora da realidade. Vemos o céu passar diante dos nossos olhos, mas sabemos, cientificamente, que assim não é. O telescópio e o microscópio nos dizem a todo instante que o que vemos não é exatamente aquilo que parece. Um mundo infinitamente grande e infinitamente pequeno se descortinou aos olhos humanos no século XVII. Dessas evidentes falhas dos sentidos, Descartes fez ponta de lança para o seu método, somente podendo ser verdadeiro aquilo que os sentidos não podem negar: as certezas matemáticas. Desprezava tudo aquilo que hoje chamamos de Humanidades: “os

<sup>24</sup> CAPONIGRI, A.R. Op. cit. p. 7.

<sup>25</sup> ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 85.

<sup>26</sup> Idem, *ibid.* loc. cit.

estudos humanos e a história foram geralmente relegados por Descartes ao terreno da informação confusa e embaralhada, com a qual um homem sério poderia distrair-se uma ou duas horas, porém não merecia ser objeto de uma vida de trabalho e meditação”.<sup>27</sup>

Foi justamente aqui que Vico fez o seu contraponto. Podemos pensar corretamente de modo matemático porque produzimos este conhecimento, quer dizer, foram os homens que criaram o pensamento matemático. Assim, “nós demonstramos a geometria porque podemos fazê-la”.<sup>28</sup> Dessa forma, “unicamente podemos dizer conhecermos completamente uma coisa, se, e apenas se, sabemos por que ela é como é, ou como veio a ser ou foi feito que fosse, ou seja, o que ela é, e não só que é o que é e tem as propriedades que tem”.<sup>29</sup> Assim, para Vico, só seria efetivamente demonstrável aquilo que o próprio homem fez. Não podemos obter a verdade da física ou da natureza, pois, não sendo produtos humanos, não eram demonstráveis nas suas causas, o que invalidava a idéia cartesiana da verdade que subsistiria nos elementos em si, isto é, a física, por exemplo, seria demonstrável *per se*. Então, para Vico, só podemos ter a verdade, isto é, o conhecimento *per causas*, do que é produzido pelos homens. A matemática é desse tipo de conhecimento. Ela só é verdadeira porque a inventamos, logo a conhecemos *per causas*, e estas “ciências formais (...) não são formas de descoberta, mas de invenção”.<sup>30</sup> Mas, não só estas ciências, e sim tudo aquilo que é humano, ou melhor, produzido pelos homens, é passível desse conhecimento, o que ficou conhecido pelos intérpretes de Vico como *verum-factum*.

Ora, aceitava-se a matemática e a geometria como produtos meramente humanos, mas também, as artes, literatura e a história, isto é, estavam todos dentro das criações humanas, portanto passíveis de conhecimento verdadeiro. Porém, para Vico, a história estaria acima da matemática por que ela precisa de uma faculdade que dá a dimensão da nossa humanidade, a imaginação: “O que está ao nosso alcance é abranger *com a imaginação* os motivos e intenções dos homens; compreender, ainda que imperfeitamente, por que os homens agem dessa ou daquela maneira. É, enfim, um conhecimento “através das causas” e, embora incompleto, superior à consciência de fora, que proporciona os dados de todas as ciências naturais”.<sup>31</sup>

Dessa forma, o verdadeiro é feito (*verum est factum*) e é somente esta a possibilidade de conhecermos o que fizemos. “Ora, o homem não conhece a causa de seu

<sup>27</sup> BERLIN, I. Op. cit. p. 27.

<sup>28</sup> Idem, *ibid.* p. 29.

<sup>29</sup> Idem, *ibid.* loc. cit.

<sup>30</sup> Idem, *ibid.* p. 35.

<sup>31</sup> FIKER, R. *Vico o precursor*. São Paulo: Moderna, 1994. pp. 35-6.

<sup>32</sup> ABBAGNANO, N. *História da Filosofia, vol. VII*. Lisboa: Editorial Presença, 1970, p. 53.

próprio ser porque ele próprio não é essa causa: ele não cria a si mesmo”.<sup>32</sup> Talvez daqui a alguns anos isto caia por terra. Então, a razão imaginativa nos proporciona um conhecimento do que fazemos na história, sendo esta superior ao que ele considerava como arrogância dos eruditos da sua época, os cartesianos, principalmente, ou o que chamaríamos hoje de intelectualismo,<sup>33</sup> que conheciam o *verum* somente por abstrações, enquanto que a história, a linguagem, proporcionariam o conhecimento das verdadeiras intenções dos homens e assim, a compreensão de sua existência.

A física, a astronomia, enfim, a natureza, isto é, os elementos que não são criados pelo homem, eram passíveis de outra forma de conhecimento para Vico, o que ele chamou de *certum*. Só podemos ter certeza desses elementos, mas não podemos deduzir a verdade deles, pois não são conhecidos *per causas*, isto é, nas suas causas. Logo, somente Deus tem pleno conhecimento desses elementos já que por Ele foram criados: “o que Deus é no universo da realidade, o homem é no universo da quantidade e números – um universo de fato, mas um universo povoado por abstrações e ficções”.<sup>34</sup> Para Benedetto Croce, “Deus sabe todas as coisas porque Ele contém em Si todos os elementos pelos quais as fez: o homem tenta entendê-las tomando-as por partes”.<sup>35</sup>

O conhecimento da existência é de Deus, pois, sendo seu criador, ele a conhece *per causas*, e de fato: “a Deus pertence o *entender (intelligere)* que é o conhecimento perfeito de todos os elementos que constituem o objecto. Ao homem pertence o *pensar (cogitare)*, o *ir recolhendo* fora de si alguns dos elementos constitutivos do objecto”.<sup>36</sup> Mas cabe uma distinção: Deus faz o objeto real, enquanto que o homem o fabrica, quer dizer, produz *ex-natura* e o homem não pode conhecer a não ser por abstração, como vimos. Porém, “este defeito converte-se (...) em vantagem, pois o homem procura mediante a abstração os elementos das coisas que originariamente não possui”.<sup>37</sup> É dessa forma que o ser humano pode chegar ao *certum*, isto é, à consciência do si e de sua existência, e a história é o meio pelo qual o homem adquire a certeza e se direciona a Deus: “*posse, nosse, velle finitum quod tendit ad infinitum*, um princípio finito de possibilidade, de conhecimento e de vontade que tendem ao infinito”.<sup>38</sup> O conhecimento do *certum* permite ao homem se aproximar passo a passo de Deus, isto é, através da história.

<sup>33</sup> BERLIN, I. Op. cit. p. 27.

<sup>34</sup> CROCE, B. *The Philosophy of Giambattista Vico*. New Brunswick: Transaction Publishers, 2002. p. 12. “What God is in the universe of reality, man is in the universe indeed, but one peopled by abstractions and fictions.” Tradução do autor.

<sup>35</sup> Idem, *ibid.* p. 17. “God knows all things because he contains in himself all the elements of which he makes them: man tries to understand them by taking them by pieces.” Tradução do autor.

<sup>36</sup> ABBAGNANO, N. Op. cit. p. 52.

<sup>37</sup> Idem, *ibid.* loc. cit.

<sup>38</sup> CAPONIGRI, A.R. Op. cit. p. 75.

## TEMPO E HISTÓRIA: UM MUNDO EM MOVIMENTO

A filosofia de Vico demonstrou toda a sua originalidade quando passou a tratar da história. Em primeiro lugar, surgiu uma idéia quase inédita, e ainda muito nebulosa, no período: a de processo histórico, quer dizer, uma compreensão de que os acontecimentos estão encadeados em função de uma finalidade. A história deixou de ser uma simples hierofania para se tornar um processo pelo qual os homens alcançarão a divindade.

Podemos afirmar, com Hannah Arendt, que a idéia de que a história é um processo vem da biologia, isto é, a compreensão de que há ciclos a serem cumpridos.<sup>39</sup> Ciclos corporais, ciclos produtivos, ciclos naturais e, agora, ciclos históricos. “O processo, que torna por si só significativo o que quer que porventura carregue consigo, adquiriu assim um monopólio de universalidade e significação”.<sup>40</sup> Uma longa teia de acontecimentos dependentes uns dos outros passou a fazer parte das representações acerca do universo e dos seres humanos. Neste aspecto o pensamento de Vico se mostrou fecundo e inovador. Sendo a história um processo, tratava-se, então, de desvendar os seus ciclos.

Vico dividiu a história humana em três grandes eras: a dos deuses, a dos heróis e a dos homens. A primeira começa logo após o dilúvio, quando os homens se espalham pelo mundo e acabam perdendo a sua humanidade. Vivendo como animais, se aterrorizam com os trovões e tempestades e atribuem esses fatos às manifestações de divindades. Buscam lugares altos e protegidos, estabelecendo-se e deixando de ser nômades. Não há leis e imperam os mais fortes. Os mais fracos buscam auxílio e proteção com estes, tornam-se servos e inicia-se a segunda era, a dos heróis. Os servos, por sua vez, entram em conflito com os senhores, que se tornaram aristocratas e reivindicam leis e igualdade. Com a concessão de direitos, os plebeus se aproximam dos nobres e surgem as democracias ou repúblicas populares, iniciando-se a idade dos homens. Além dessa extremamente interessante explicação histórica, Vico inovou ao deduzi-la das obras literárias da Antiguidade. Porém, não é uma simples constatação, ele inovou justamente ao interpretá-las, tentando descobrir o que suas palavras e suas metáforas significavam efetivamente. Foi por meio da linguagem que ele compreendeu o mundo antigo e a história dos homens.

De início, ele descartava qualquer sabedoria oculta ou qualquer tipo de saber esotérico escondido nos textos dos antigos. O esoterismo estava na moda no século XVII e, para muitos, haveria em Homero e Platão um tipo de conhecimento não alcançado pelo vulgo, e que deveria ser desvendado, pois havia se perdido. Bacon era um dos principais eruditos que acreditavam na sabedoria perdida.<sup>41</sup> Vico via isso como sofisma, pois os

<sup>39</sup> ARENDT, H. Op. cit. p.72.

<sup>40</sup> Idem, ibid. p. 96.

<sup>41</sup> BERLIN, I. Op. cit. p. 56

escritores da Antiguidade tinham a única vantagem de estarem próximos do começo, portanto, não tinham adquirido conhecimento suficiente para compreender melhor o mundo do que os pensadores modernos. Então, não existiu para ele uma idade de ouro, como acreditavam os antigos e muitos pensadores de sua época, estando o mundo, para estes, fadado à decadência e entropia. Também, para Vico, por estarem próximos, os primeiros escritores não tinham conhecido outros tipos de homens senão aqueles com os quais conviviam, e isso significava que retratavam homens rudes, incultos e cruéis. Daí a linguagem ser conforme cada época, e “das palavras e da forma em que são usadas podemos inferir os processos mentais, as atitudes e as perspectivas dos seus usuários, porque as ‘mentes’ (*ingenia*) são formadas pelo caráter da linguagem, e não esta pelo caráter daqueles que a usam”.<sup>42</sup> Então, para cada idade uma linguagem foi desenvolvida e ela apresenta o que os homens eram em cada momento, retratando as circunstâncias concretas da existência.<sup>43</sup>

Para a idade dos deuses a forma escrita era hieroglífica, pois manifestavam o temor dos homens em relação aos deuses. Eles se comunicavam por sinais e por rituais, pois ainda não tinham desenvolvido a fala. São formas terríveis que retratam o medo dos castigos e, portanto, devem ser obedientes e devotos. Logo, a linguagem é poética, descreve os grandes feitos dos deuses, das formas gigantescas que tinham e o poder que possuíam, e “as origens do conhecimento humano, “e *a fortiori* da sociedade e da cultura do homem, serão encontradas nos poderes onomatéuticos dos homens primitivos, o poder de ‘dar nomes’ aos objetos, de distingui-los de outros objetos e, nesse processo, de dotá-los de atributos específicos”.<sup>44</sup> É uma linguagem essencialmente metafórica. Hércules, por exemplo, não é senão o caráter heróico de fundadores de povos, pelo aspecto do trabalho.<sup>45</sup> Devido à tarefa imensa de organizar populações, cidades, acabar com as feras, enfim, domar a natureza ao redor dos primeiros agrupamentos humanos, os primeiros escritores explicaram os acontecimentos por meio do mito do herói civilizador, pois, “outra propriedade da mente humana é que os homens, sempre que das coisas remotas e desconhecidas não podem fazer nenhuma idéia, estimam-na pelas próprias coisas conhecidas e presentes”.<sup>46</sup>

Para se chegar a essa sociedade primitiva, Vico propôs a filologia como método, quer dizer, a compreensão do que efetivamente as metáforas significavam. Assim, ele

<sup>42</sup> Idem, *ibid.* p. 51.

<sup>43</sup> Idem, *ibid.* p. 54.

<sup>44</sup> WHITE, H. *Trópicos do discurso, ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp, 1994. p. 226.

<sup>45</sup> Vico, G. *Op. cit.* p. 75.

<sup>46</sup> Idem, *ibid.* p. 91.

compreendia que os escritores antigos são poetas, mesmo quando se trata de fazer leis, como a Lei das Doze Tábuas de Roma, que ele entendia como uma poesia. As metáforas, que são pequenos mitos,<sup>47</sup> são simples, fáceis e naturais, “assim, o Latim, que ele considerava como uma linguagem muito antiga, surgiu da vida relacionada com as florestas, (palavras) como *lex* (bolota), *ilex*, *aquilex*, *legumen e legere* como sendo palavras ‘silvanas’ decorrentes da vida nos bosques, que depois passaram a ser utilizadas para indicar atividades, estados e objetos completamente diferentes”.<sup>48</sup> Método inédito de buscar a significação primeira, mas que não deixava de pertencer, como vimos acima, à busca da “mathêsis” universal.

Em seguida, afirmava que as frases heróicas explicavam os sentimentos e expressões dos homens da época. Além disso, a etimologia das palavras narrava a história, pois o uso dado em cada momento à determinada palavra implicava numa circunstância material da existência. Portanto, explicava-se o vocabulário mental dos homens. A partir destes pontos chegava-se a encontrar o significado das fábulas, permitindo ordenar os fragmentos que nos foram legados pela Antiguidade e, então, seria possível constituir uma narrativa correta dos povos do passado.<sup>49</sup> A poética, desse ponto de vista, é a primeira forma de conhecimento: “poesia é produzida não por mero capricho do prazer (como muitos pensavam), mas por uma necessidade natural (...) ela é a atividade primária da mente humana”.<sup>50</sup> A partir dessa compreensão filológica, a história dos povos se descortinava.

Após a idade dos deuses, os homens chegavam à dos heróis. Não menos cruel, não menos inculta, porém, já havia certa consciência com relação ao universo e com o próprio homem. Falava-se de repúblicas oligárquicas dominadas pelos mais fortes, que se diziam descendentes de deuses e de sangue nobre. Eles impunham as suas leis cruéis para os plebeus. A poesia retratava uma época de avareza, crueldade e ignomínia dos homens, como acontece em muitas passagens da *Ilíada* e da *Odisséia*, nas quais aparecem os duelos, as vinganças sangrentas, pois na idade heróica as leis poéticas da idade dos deuses são deturpadas pela aristocracia para subjugar os plebeus,<sup>51</sup> ou ainda, “Aquiles e Agamenon, por exemplo, são certa vez representados (na *Ilíada*) xingando-se mutuamente como dois bêbados, ‘chamando-se de cachorros como nem os criados das comédias populares fariam hoje em dia’ (no século XVIII)”<sup>52</sup>

<sup>47</sup> Idem, *ibid.* p. 169.

<sup>48</sup> BERLIN, I. *Op. cit.* p. 54.

<sup>49</sup> VICO, G. *Op. cit.* pp. 140-1.

<sup>50</sup> CROCE, B. *Op. cit.* p. 48. “Poetry is produced not by the mere caprice of pleasure, but by natural necessity (...) it is the primary activity of the human mind.

<sup>51</sup> CROCE, B. *Op. cit.* p. 174.

<sup>52</sup> BURKE, P. *Op. cit.* p. 62.

As lutas empreendidas pelos plebeus para acabar com esse domínio tirânico dos patrícios permitiram o surgimento de leis mais brandas, pois o próprio homem se civilizava, “a lei da justiça democrática começou a funcionar, com o seu acompanhamento de discussões livres, argumentos legais, prosa, racionalismo e ciência”,<sup>53</sup> ou seja, “o homem primeiro sente sem se perceber (idade dos deuses), depois se apercebem com espírito perturbado (idade heróica), e, finalmente, refletem com mente pura”.<sup>54</sup> É o nascimento da filosofia na forma de prosa. O conhecimento agora é superior e consciente. Os mitos foram deixados de lado e finalmente o ser humano toma consciência de si.

Assim, às três idades correspondem três formas de linguagem: a hieroglífica, a poética e a prosa. Cada uma delas estava de acordo com o seu tempo, de acordo com o próprio processo histórico. Noção também inovadora para a época, pois afirmava que a essência humana não era imutável, tanto que “a cada tipo ou cultura, pertencem, necessariamente, algumas características que não é possível encontrar em qualquer outra”,<sup>55</sup> ou seja, o ser humano está num processo de tomada de consciência de sua existência e a cada época, a cada período cabem instituições, formas culturais, formas de linguagem, próprias. Pode-se afirmar, então, que, para Vico, o homem era essencialmente histórico.

Contudo, se os homens estão mergulhados na história, o que estão eles a realizar? Quais são os objetivos da existência? Por que a existência das diferentes nações? Para Vico, a resposta é simples e direta: os homens realizam na história a vontade divina e é em direção a Deus que eles vão. Mas, fica a questão: se esse processo não é uma hierofania, por que a história ainda é Providencial? De início, o processo histórico é dirigido pela Providência sem que os homens saibam exatamente como ela age, pois ela é natural. Pode-se apanhar o sentido, mas não a sua completude. Logo, os homens fazem a história sem o saberem, pois obedecem a desígnios que lhe escapam da ação e da compreensão que somente *a posteriori* podem ser compreendidos, e “a própria idéia de história como um processo sugere serem os homens, em suas ações, conduzidos por algo de que não têm necessariamente consciência e que não encontra expressão direta na ação mesma”.<sup>56</sup>

Então, a história humana é o conhecimento do certo, pois o desconhecimento do processo torna necessário, para Vico, que os homens juntem as peças para compreenderem a vontade de Deus, isto é, a vontade finita deve tender para o infinito, para lembrar a passagem acima de Robert Caponigri. Ou melhor, o ser humano é um ser de possibilidade

<sup>53</sup> BERLIN, I. Op. cit. p. 67.

<sup>54</sup> VICO, G. Op. cit. p. 109.

<sup>55</sup> BERLIN, I. Op. cit. p. 45.

<sup>56</sup> ARENDT, H. Op. cit. p. 118.

e, portanto, deve buscar incessantemente a consciência de sua existência, isto é, da existência e da vontade de Deus, ou ainda, “os eventos históricos são o alfabeto que permite a leitura da vontade de Deus. O mundo dos homens, no entanto, é feito pelos homens e suas mudanças devem ter suas razões na própria mente humana”.<sup>57</sup>

Deus se manifesta na história humana obliquamente, isto é, por intermédio dos próprios homens, logo eles são responsáveis pelos acontecimentos, por isso ela não é mais uma hierofania. Deus age através dos sinais que ele deixa para os seres humanos desvendarem e através desses sinais construir a própria história, e “a presença da ordem providencial na consciência dos homens serve para dirigir esta consciência, mas não a determina”.<sup>58</sup> A natureza, por exemplo, seria um dos maiores sinais da vontade divina. Assim, a história é providencial, mas só como interpretação, pois cabe aos homens experienciá-la, pois ela é fruto da expressão humana que realiza os desígnios da Providência, encadeando os acontecimentos numa direção específica: a consciência da existência. Após essas três eras, ou ciclos, os homens vivem o luxo e o excesso, fazendo com que a história entre em declínio e uma nova barbárie se reinicia: “a natureza dos povos primeiramente é cruel, depois severa, logo benigna, mais tarde delicada e, finalmente, dissoluta”.<sup>59</sup>

Ponto comum entre a maior parte dos comentadores de Vico é de que ele tratou a história como cíclica, ou melhor, elíptica, tendendo à divindade. Aqui cabe uma grande ressalva. Em parte ela é, mas, em parte, não. Isto é, a temporalidade para Vico era polifônica: “o tempo-estrutura da história não é simples, mas complexo, não linear, mas “contrapontual”. Ele deve ser traçado junto a inúmeras linhas de desenvolvimento, também não é possível estabelecer uma inequívoca coerência entre estas”.<sup>60</sup> Aqui está a principal questão na obra de Vico, o problema da sucessão temporal. Para os seus comentadores, ele define a história das nações a partir da idéia de ciclos progressivos. Para Benedetto Croce, Isaiah Berlin, Peter Burke, Raul Fiker, entre outros, não há muita dúvida a respeito: a história das nações teria seu início, juventude, maturidade e fim. Após as eras adviria a barbárie, na qual os homens reiniciariam o processo das eras, mas como os homens tendem para Deus, o reinício se dá num estágio superior, daí a imagem elíptica da história.

Porém, como foi dito, devemos inserir Vico num momento em que a noção de sucessão temporal e a idéia de progresso ainda estão em gestação. Não há certezas firmes

<sup>57</sup> REIS, J.C. “Vico e a História Nova”. In: LOPES, M.A. Op. cit. p. 293.

<sup>58</sup> ABBAGNANO, N. Op. cit. p.69.

<sup>59</sup> VICO, G. Op. cit. p. 113.

<sup>60</sup> CAPONIGRI, A.R. Op. Cit. p. 119. “The time-structure of history is not simple, but complex, not linear, but contrapuntal. It must be traced along a number of lines of development, nor is it possible to establish an unequivocal coherence among these”.

sobre o tempo dos homens. É aqui que reside a originalidade do nosso autor, pois ele não criou propriamente a idéia de que os homens progridem, mas vivem diversas temporalidades que se encontrarão na Providência. Então, Vico traça a história das nações, dividindo-a em duas: a dos gentílicos (Grécia e Roma, para ser mais preciso) e a dos hebreus e cristãos. Estranhamente ele quase não aborda a dos hebreus, com a escusa de que eles receberam diretamente de Deus o *certum*, portanto não se tornaram homens-feras e não passaram pelas eras. Assim o é para os cristãos. Feita a ressalva, Vico se dedica quase que integralmente à história dos gentios, como se a história cristã não fosse de interesse apodíctico (talvez a citação à história cristã como já estabelecida fosse um modo de fugir da censura da Igreja). Ele percebe que não há uma sucessão entre elas, quer dizer, entre as nações não há sincronia. Enquanto Roma desaparecia, por exemplo, as sociedades orientais estavam em pleno desenvolvimento. A cultura pode ser transmitida de uma à outra, mas as nações têm seus próprios desenvolvimentos, suas próprias histórias, sempre direcionadas à Providência.

Robert Caponigri tenta desvendar essa temporalidade polifônica de Vico. Em primeiro lugar, a Providência é imanente e, logo, “a lei do progresso deve ser, por sua vez, um princípio imanente”,<sup>61</sup> pois se os homens finitos tendem para o infinito, não há necessariamente queda, no sentido de que uma civilização deixa de existir, pois o homem subsiste e, assim, continua a história em outras nações, buscando incessantemente alargar a sua consciência. Tempo e história estão imbricados. Esta última progride porque é temporal, logo o tempo é imanente como a própria Providência que é também temporal, quer dizer, é no tempo que ela é e os homens só serão, só terão consciência da existência, se forem no tempo, agindo temporalmente, sendo históricos, acumulando e passando o conhecimento adquirido para as gerações e nações seguintes que, por sua vez, realizam o que foi adquirido e preparam as próximas. O fim do processo é o infinito, quer dizer, não há um fim definido, pois, tendo em vista que a consciência da existência se dá no tempo, ela não é finita e, mais ainda, sendo a própria Providência infinita, não há termo para todo o processo.

O *verum* e o *certum* é o que Vico quer reunir no “fim da história”, porém, a história para Vico não é uma teleologia, é um processo que, logicamente, não teria fim. Essa contradição, ou separação, entre essas duas formas de conhecimento será superada conforme o homem avança na sua consciência. É esse o entendimento de Caponigri para o *ricorsi*, quer dizer, o retorno dos tempos bárbaros. A história das nações é diversa e dispersa e o *ricorsi* é o momento de reflexão que “deve ser concebido não como recorrência, mas como um avanço pelo qual é possível um retorno sobre si mesmo, um movimento

<sup>61</sup> Idem, *ibid.* p. 123. “the law of progress must in its turn be an immanent principle”.

que é possível somente sobre o plano reflexivo da vida espiritual”.<sup>62</sup> Então, trata-se de uma revitalização. Se os homens se tornaram dissolutos com a civilização, eles podem retomar o caminho para a consciência quando retornam às origens dos tempos dos deuses, ou seja, voltam para as virtudes primeiras, mas num nível muito superior ao dos primeiros tempos.

Assim, o *ricorsi* não deixa de ser uma forma de manifestação da Providência, permitindo aos homens refletirem e retornarem às virtudes, resolvendo as contradições entre *verum* e *certum*. Sendo Deus infinito, o conhecimento é também infinito e assim o é para a consciência da existência: “como o princípio pelo qual induz ‘*ricorsi*’ no tempo-estrutura da nação, a Providência opera no seu padrão geral, quer dizer, como um princípio de resolução das contradições”.<sup>63</sup> Dessa forma, a história é um processo que se aproxima muito da biologia, como nos disse Hannah Arendt (cf. nota 39). Esta sim é uma questão inovadora, mesmo situando Vico dentro da “*mathêsis*” da era clássica, mesmo situando-o no mundo dos relógios. As longas cadeias de produção estão se formando, a natureza é uma imensa teia dependente e a história se tornou um longo processo para o qual não há ponto final visível. Para Vico, a história não é idealista. O intelecto não a apreende abstratamente, mas de modo imanente, ou seja, vivendo-a no tempo. A partir dessas formulações podemos compreender que o homem tomou para si o tempo. Ele é o soberano da sua própria história e a Providência é a fonte de inspiração, por isso aquela é processual. Uma longa cadeia de acontecimentos que despertam a consciência no ser de sua existência.

Pensador original que deve ser visto no seu contexto, pois antes de ser um precursor de teorias sociais posteriores à sua existência ou, ainda, um gênio do século XIX, em pleno século XVII, ele revela toda a potencialidade da era clássica: o pensamento científico e filosófico, a busca pelo conhecimento total sobre o homem e uma explicação definitiva para o universo. É nesse lugar que devemos situar Vico, pois, assim, o que foi original na sua época virá com maior ênfase, e poderemos observá-lo na sua capacidade de questionar e propor formas novas e interessantes de pensar a história que fundamentalmente se tornou o tempo dos homens.

Recebido em outubro de 2004.

<sup>62</sup> Idem, *ibid.* p. 133. “must be conceived not as recurrence, but as an advance which is yet a return upon itself, a movement which is possible only on the reflective plane of spiritual life”.

<sup>63</sup> Idem, *ibid.* p. 138. “As the principle which induces ‘*ricorsi*’ in the time-structure of the nation, providence operates in its general pattern, that is, as a principle for the resolution of contradictions”.